



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Sobre a socialização dos jovens modernos: breve discussão entre conceitos da Sociologia, da Psicologia Social e Histórico-Cultural¹

Elena Volkova²

Victoria Dmitrieva³

Olga Mikhalyuk⁴

Tatiana Vereitinova⁵

Patrícia Wazlawick⁶

Ricardo Schaefer⁷

Jusélia Paula da Silva⁸

Patrícia Salles⁹

Resumo: Trata-se de uma breve revisão teórica, buscou-se por identificar os principais aspectos conceituais sobre a socialização dos jovens contemporâneos, o ponto de articulação teórica com enfoque na Sociologia, Psicologia social e histórico-cultural, remete-se ao conceito de “socialização de pessoas”, no sentido de “constituição do sujeito”, observando o movimento dialético que existe entre objetividade e subjetividade. Neste sentido, compreende-se um sujeito que está sempre em relação, e passa a ser também produtor desses movimentos, como uma síntese inacabada, aberta e em constante movimento. Ressalta-se a construção da identidade como a realização de si mesmo através das práticas sociais, indivíduo-sociedade, e de como ele apreende os parâmetros sociais para ele passados, de forma a contribuir na ordem do convívio social e no desenvolvimento de seu Eu lógico-histórico, orientado a partir das diretivas de seu potencial, de seu projeto de natureza.

Palavras-chave: jovens; socialização; Eu lógico-histórico.

¹ A pesquisa foi realizada com a assistência financeira da Universidade Estatal de São Petersburgo-UESP, Rússia (realização das pesquisas sobre áreas de prioridade do Programa de Desenvolvimento da UESP, Projeto Nº 8.37.222.2016, “Socialização Positiva dos Jovens nas condições de transitividade social e econômica”), na parte que diz respeito às atividades de pesquisa na Rússia.

² Professor, PhD, Doctor of Science in Psychology . Saint-Petersburg State University, Russia. E-mail: vtv@onto.ru

³ Associate Professor, PhD in Psychology. Saint-Petersburg State University, Russia. E-mail: vtv@onto.ru

⁴ Saint-Petersburg State University, Russia. E-mail: vtv@onto.ru

⁵ MPhil in Social and Political Sciences. Saint-Petersburg State University, Russia. E-mail: vtv@onto.ru

⁶ Doutora em Psicologia (UFSC); Mestre em Psicologia (UFPR); graduada em Musicoterapia (FAP-PR). Especialização Lato Sensu em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo-Rússia. E-mail: adm@faculdadeam.edu.br

⁷ Mestrado em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutorando em Administração pela UFSM. Editor da Revista Performance Líder e Coordenador de Formação Empreendedora e Liderança (FOIL) da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF). E-mail: coordfoil@faculdadeam.edu.br

⁸ Bibliotecária Faculdade Antonio Meneghetti-AMF. Editora Gerente Revista Saber Humano. E-mail: jjpaula@hotmail.com

⁹ Acadêmica do curso Bacharelado em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF. E-mail: gbspatricia@hotmail.com

About the socialization of modern youth: a brief discussion between concepts of Sociology, Social and Cultural-Historical Psychology

Abstract: This is a brief theoretical review, we sought to identify the main conceptual aspects of the socialization of contemporary young people, the theoretical pivot point with a focus on sociology, social psychology and historical-cultural reference is made to the concept of "socialization people "in the sense of" constitution of the subject, "noting the dialectical movement between objectivity and subjectivity. In this sense, it is understood a subject that is always relative, and now also a producer of these movements, as an unfinished short, open and in constant motion. We emphasize the construction of identity as conducting oneself through social practices, individual and society, and how he perceives the social parameters to it passed, in order to contribute in the order of social life and the development of your Self logical -Historic, walked from the policies of its potential, its project nature.

Keywords: young; socialization; I logical history.

1 Socialização: noções, tipos, agentes, instituições de socialização, vantagens e dificuldades para realizar a socialização

As relações, as coletividades e os comportamentos são elemento essenciais para a vida social, objetos de estudo da Sociologia, cujo objetivo é encontrar as invariantes a que estão submetidos esses fenômenos. A Sociologia enquanto Ciência foi instrumentalizada a partir de estudiosos como Émile Durkheim, Comte, Marx, Max Weber.

Sendo uma das premissas mais revisitadas “a sociedade é exterior e anterior ao indivíduo/sujeito” (Durkheim, 1978), ou seja, os fenômenos sociais independam da vontade do indivíduo/sujeito e, ou seja, ao nascer e de forma progressiva se adapta as regras sociais pré-existentes, impostas pela coletividade. Cita também como a lógica dos “fatos sociais” e os diferenciou quanto: 1) à exterioridade: ocorrências que independem da unidade ao indivíduo; 2) à generalidade: os fatos sociais são destinados a todos; 3) a coersividade: espera-se que o indivíduo se adeque à sociedade por meio do repasse de regras e costumes, os valores sociais. E ainda, 4) quanto à sua tipologia nominou em “fatos normais” os que devem prevalecer a fim da saúde social, e os “fatos patológicos” àqueles que fogem as regras gerando, na prática, a desarmonia social, como a criminalidade, por exemplo. Se o indivíduo é capaz de reproduzir os parâmetros sociais e não causar ônus à sociedade, julga-se que este indivíduo possui noção de sociabilização.

Pode-se inferir a socialização ocorre através do estabelecimento de relações sociais, providas pela reprodução de valores do grupo de forma autônoma, é relativo ao humano

que busque por se adaptar aos contextos e vivências os quais perpassa, com resultado individual e relativo ao grupo que a geração de sócio-habilidades de adaptação aos parâmetros sociais. Estas, são ressalvas já há muito debatidas entre os especialistas sociais clássicos e contemporâneos, porém a discussão, no geral, é exteriorizada visto que as premissas indicam fatos externos, o seu impacto frente ao indivíduo e os fenômenos a este causados.

Nesse sentido a Ontopsicologia nos traz novos elementos, uma nova ótica, que tem como ponto focal o projeto de natureza, um valor íntimo onde a construção da identidade é a realização de si mesmo através das práticas sociais, indivíduo-sociedade, e de como ele apreende os parâmetros sociais para ele passados, de forma a contribuir na ordem do convívio social e no desenvolvimento de seu Eu lógico-histórico (orientado a partir das diretivas de seu potencial, de seu projeto de natureza).

Em relação aos tipos de socialização, aos agentes de socialização e as instituições de socialização (família, mídia, redes sociais, instituições, microsocium), temos que, para a Teoria histórico-cultural, o ser humano pode ser definido como um ente biológico antes de possuir o domínio da fala, mas pode-se considerá-lo nessa fase como tendo uma protocultura, passagem do comportamento de uma geração a outra. De maneira que o indivíduo possui nato o instinto de observação e é através dele que o processo de socialização inicia de forma eminente.

Nesse contexto e no âmbito das contribuições de Lev Semionovich Vygotski¹⁰, pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. Caracterizou os aspectos do comportamento humano, deixou de legado hipóteses de como essas características se formam ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um sujeito (Vygotski, 1988).

Sobre o período pré-verbal, Vygotski (1988) constatou que, embora a criança já utilize instrumento de comunicação, assim que a fala e o uso de signos são incorporados a qualquer ação, esta se transforma e se organiza ao longo da vida em linhas inteiramente novas, ou seja, o processo de socialização se dá de forma em que o indivíduo passa a reproduzir os modelos que observa em seu contexto, de forma dinamizada e, a priori, é no âmbito familiar onde ocorrem, por parte do indivíduo a interiorização cultural inicial. Esse processo de aprendizagem, a socialização, determinante para a integração social, ocorre

¹⁰ Pesquisador e psicólogo bielorrusso, pensador importante em sua área e época, amplificou as discussões já propostas por Jean Piaget, Jerome Bruner, Alexander Luria dentre outros.

não só nos primeiros anos de vida de um indivíduo, mas por toda a vida, dá-se com intensidades e em contextos diferentes.

Giddens (2012, p. 212) verifica que entre os sociólogos prevalece a premissa de que a socialização ocorra em duas fases amplas, envolvendo diferentes agências de socialização (grupos ou contextos sociais). A socialização primária ocorre na primeira infância, sendo esse o período mais intenso de aprendizagem cultural, e sendo a família o principal agente de socialização durante essa fase. A socialização secundária ocorre mais adiante na infância e na maturidade, momento em que outros agentes de socialização assumem parte da responsabilidade da família. A partir daí escolas, grupos de amigos, organizações, associações, os meios de comunicação e, finalmente o local de trabalho (diversas instituições), se tornam forças socializantes para o indivíduo/sujeito na apreensão de valores, normas e crenças formando padrões culturais (e formando, além disto, modos de pensar, modos de ser, modelos de comportamento, que são os estereótipos mais presentes em uma pessoa, sempre fenomenizados em seus hábitos).

Sob outra ótica de discussão, pode-se ressaltar o estudo sobre as relações indivíduo-sociedade, autoria de Maria Graça J. Setton (2011), Doutora em Sociologia, cujo todo percurso acadêmico também voltado às Ciências Sociais, questiona: “existe a possibilidade de se concretizar empiricamente a articulação de interdependência entre as matrizes de cultura? Como compreender o imbricado e conflituoso processo de construção das disposições de *habitus*?” Com a discussão, a autora contribui para os estudos relativos aos processos socializadores nos âmbitos institucional e individual, bem como auxiliar no difícil procedimento de investigar a construção das disposições de *habitus* com base na observação cuidadosa dos mecanismos e das estratégias formadoras. Também focou a sinergia de esforços pedagógicos entre instâncias socializadoras – família (camadas populares), escola (cultura letrada) e mídia (cultura de massa).

É preeminente, segundo a autora, que a “...sociologia atual deve representar a vida social como um quebra-cabeça, incerto e fragmentado. O que antigamente era visto como construído pelas instituições e formas sociais é agora pensado como produto de uma reflexividade” (Setton, 2011, p. 717). Ou seja, basear-se na lógica de que os indivíduos são levados a tornarem-se indivíduos por eles mesmos. A construção reflexiva, citada pela autora, refere-se a uma perspectiva dialógica homem-mundo, com eixo central a participação do sujeito social em seu processo educativo, também em suas dimensões econômica, moral, estética e política, entre outras, dimensões responsáveis pela formação de um *habitus*.

Nesse viés de teórico e com enfoque aos jovens, a Educação tem sido uma das principais preocupações mundiais. Na literatura consultada, evidenciou-se a ampla importância, na construção social, especialmente o grupo de pares, onde o jovem está inserido, a família e a educação como influências sociais que contribuem para a formação da identidade. O grupo de jovens assume grande importância nos diversos fatores essenciais para a identidade e autonomia, assim como, na preparação para sua incorporação no mundo do trabalho. O ponto crítico, segundo Sacristán e Gómez (2007, p. 26), é de que “a função da Educação, em sua vertente compensatória e em sua exigência de provocar a reconstrução crítica do pensamento e da ação, requer a transformação radical das práticas pedagógicas e socializadas neste contexto”. Devendo ter como princípio básico que derive dos objetivos e funções da escola contemporânea de facilitar e estimular a participação ativa e crítica dos indivíduos nas construções sociais.

No entanto, no contexto de vida contemporâneo, encontramos a supremacia do poder digital (Meneghetti, 2013; Gardner e Davis, 2014). Ou seja, o processo de socialização – como até aqui apresentado, e na sequência refletido, analisado e compreendido como “constituição do sujeito”, no viés da Psicologia histórico-cultural – que envolve todos os grupos menores e maiores de referência de um sujeito, desde o início da vida, na primeira infância, segunda infância, adolescência e juventude, sendo um processo por si só semioticamente mediado, está sendo, na atualidade, dominado pela supremacia do poder digital. Neste sentido, crianças, adolescente e jovens começam a viver, continuamente, a dominância de um contexto não mais real, e sim sobremaneira virtual, criando imagens de si mesmo, relações e um mundo virtual que em grande escala se distancia do real. E este pode se tornar um grande problema na construção da identidade dos jovens em nosso mundo contemporâneo, ou seja, em partes encontramos facilitações, mas em partes podemos encontrar grandes dificuldades na socialização e na constituição dos sujeitos das novas gerações, uma vez que começam a se basear e a se conhecer a partir de uma *fiction*, de um mundo de informações e de imagens sem reversibilidade com o real, no qual vive-se somente um falso de si mesmo, sem nunca conhecer o original de si mesmo (Meneghetti, 2010). E a este ponto os agentes e as instituições de socialização atual, assim como os pais, a família e a escola precisam dar muita atenção. São pontos a serem continuamente discutidos em nossas pesquisas.

2 Fundamentação teórica entre os conceitos de socialização e de constituição do sujeito na Psicologia Social e Psicologia Histórico-Cultural

Na teoria da Psicologia Social brasileira, compreendida no viés da Psicologia Histórico-Cultural, principalmente com o arcabouço teórico-epistemológico da obra de Lev Semionovich Vygotski (pela forma como foi desenvolvida no Brasil), ao nos remetermos ao conceito de “socialização de pessoas” estamos falando do conceito de “constituição do sujeito”, observando o movimento dialético que existe entre objetividade e subjetividade. Neste sentido, compreendemos um sujeito que está sempre em relação, e passa a ser também produtor desses movimentos, como uma síntese inacabada, aberta e em constante movimento. Está em um processo constante de construir-se, de (re)inventar-se (Maheirie, 2002), onde objetividade e subjetividade se articulam em um movimento que entendemos ao mesmo tempo dialético¹¹ e dialógico¹², de forma que – tanto objetividade, quanto subjetividade – uma está sempre permeada pela outra, em uma construção em mão dupla.

Zanella (1995), revisitando ideias de Marx e Engels na obra *Ideologia Alemã* (1989), salienta que “o homem é histórico, está inserido em um contexto social e é **expressão e fundamento**¹³ dessa coletividade”. Neste ponto se encontra, mais uma vez, a dimensão dialética para compreender o sujeito em seus próprios movimentos dialéticos.

Portanto, o conceito de socialização se expande, e não se entende somente como um sujeito que nasce como indivíduo e deve ser socializado, e sim uma pessoa que, encontrando-se no contexto social, desde o início, com os adultos de maior referência afetiva, na família, na escola, nos grupos de referência na adolescência, os amigos, na juventude, na faculdade/universidade, nos contextos de trabalho, e junto do contexto macrossocial, vai se constituindo pessoa, vai se constituindo sujeito, a partir das inúmeras relações que constrói em cada uma dessas realidades, subjetivando e objetivando as relações, os significados e sentidos que constrói para si, edificando as inter-relações e os contínuos intercâmbios em toda esta trama (Bock, Gonçalves e Furtado, 2001).

Nesse viés, o sujeito transita e age em vários cenários onde as múltiplas singularidades se entrecruzam, e “...realiza a sua história e a dos outros, na mesma medida

¹¹ Dialético no sentido de uma dialética aberta e inacabada (Maheirie, 2002).

¹² Dialógico no sentido de que: “...dialógica (uma lógica viva de relações construtivas que envolve ao menos dois elementos em interação), e não uma dialética hegeliana (uma lógica formal de relações destrutivas), dado que seus momentos não são tese-antítese-síntese, mas tese-tese-síntese, o que supõe uma permanente atividade de síntese. Em lugar da superação da antítese pela tese, aparece uma articulação sempre fluida; uma tensão permanente entre as duas” (Sobral, 2005, p. 136).

¹³ Grifos dos autores.

em que é realizado por ela...” (Maheirie, 2002, p. 36). Essa trama é contextualizada e acontece em espaços, tempos e momentos históricos específicos. Os sistemas político-sociais-econômicos, em suas dimensões culturais, simbólicas e ideológicas, em que o sujeito está inserido, determinam e limitam o agir humano, mas é a partir dessas configurações que o sujeito pode engendrar também suas possibilidades, em movimentos de criar, re-criar, reproduzir, construir, desconstruir e reconstruir a si, suas relações, suas objetivações, e o próprio contexto. Daí advém a noção de socialização, bem como os diferentes tipos de socialização com os diferentes agentes e instituições de socialização.

O sujeito, na compreensão de Bakhtin (2003) e também na de Vygotski (1929/2000), é um sujeito que está em contínua relação e se constitui na/pela linguagem e os discursos, em permanente relação/interação entre o eu e o outro discursivos, em diversos contextos semioticamente mediados. É um sujeito que dialoga com as diferentes vozes sociais de seus pares. É um sujeito concreto, contextualizado em espaços-tempos sociais-históricos-culturais. É, fundamentalmente, um sujeito “constituído pelas *palavras do outro*; é visto através dos *olhos do outro*; realiza-se no outro (...). Trata-se do permanente diálogo entre um ‘eu’ que, por sua vez não é *solitário*, mas *solidário* com todos os ‘outros’ que com ele interage; e com todos os demais que ainda estão por vir...” (Keske, 2004, p. 12-13)¹⁴.

Se pensamos e analisamos um sujeito que, em relação, em permanente diálogo, tece e constrói momentos, movimentos, objetivações, significados, sentidos, estamos falando de um sujeito que se faz criador, um sujeito criante. Na perspectiva da psicologia histórico-cultural, principalmente a partir dos estudos de Vygotski (2003), “todo sujeito é potencialmente sujeito criador” (Furtado, 2010, p. 174), que exerce e edifica inúmeras e múltiplas atividades na vida, onde sempre é possível (re)criar, inovar, construir-se e reconstruir-se à novidade de si mesmo, em base ao contexto social no qual vive a tua, e em base a suas pessoas de referências (“os outros significativos”), bem como seus grupos de referência. Cabe dizer que, a atividade criadora vai se dar sempre a partir da atividade de cada uma das pessoas, e se edificar, fundamentalmente, pela ação do trabalho exercido pelo sujeito, situado em um contexto social.

O filósofo Jean-Paul Sartre apresenta a frase: “*a práxis, com efeito, é uma passagem do objetivo ao objetivo pela interiorização*”, ou seja, pela subjetividade (Sartre, 1984, p. 154). Entendemos, em relação à constituição do sujeito, a partir daí, que nenhuma

¹⁴ Grifos dos autores.

objetividade no mundo humano pode ser desprovida de subjetividade, e, ao mesmo tempo, que não há subjetividade que não se objetive.

Para se falar de constituição do sujeito na abordagem histórico-cultural da Psicologia, precisa-se, primeiramente, falar do movimento dialético e dialógico que existe entre objetividade e subjetividade. Essas duas dimensões que se fazem constituintes do sujeito. Isto é, pela contínua movimentação entre objetividade e subjetividade é que o sujeito vai se constituindo, de modo que este mesmo sujeito poderia ser definido como produto aberto e inacabado da relação entre subjetividade e objetividade (Maheirie, 2002). Objetividade e subjetividade em um movimento contínuo e dialético a todo tempo, onde uma está sempre permeada pela outra, uma construção em mão dupla.

Este movimento dialético e dialógico acontece no espaço e no tempo, em lugares situados, pois sucede que “o sujeito é constituído e constituinte do contexto social no qual está inserido” (Maheirie, 2003, p. 147). Ou ainda: “...inserido neste cenário de múltiplas singularidades que se entrecruzam ele [o sujeito]¹⁵ realiza a sua história e a dos outros, na mesma medida em que é realizado por ela, sendo, por isso, produto e produtor, simultaneamente...” (Maheirie, 2002, p. 36). Neste ponto, a contextualização do espaço, tempo e momento histórico se faz imprescindível, uma vez que existem determinações e limites colocados pelo sistema político-social-econômico no qual se está inserido.

E não apenas nestes aspectos, mas na dimensão também cultural, simbólica, ideológica. No entanto, além das determinações, o homem tem a possibilidade de escolha, ou seja, de atuar no mundo (Sartre, 1984). Isto sempre em volta à compreensão de que o sujeito é constituído a partir da objetividade, mediada pela subjetividade, e estabelecendo vínculos de relações as mais diversas possíveis. Relações onde os outros (as demais pessoas, seus pares, os agentes de socialização), com os quais se relaciona, passam a ser mediadores, para o sujeito, de sua própria constituição enquanto singularidade.

Sartre (1984) fala do “projeto” como o motivo pelo qual a realidade humana seja sempre “desejo de ser”. De acordo com Maheirie (2002), o desejo de ser é “...aquilo que movimenta o sujeito no mundo e seu movimento é o *impulso ao não existente*, aquilo que não se é” (ibid.).

...Quando nos projetamos em um desejo de ser, buscamos ser um determinado ser que cristalizamos ao projetá-lo, isto é, projetamos um ser ‘cristalizado’, de tal forma que o desejo de ser se traduz em *desejo de ser em-si*¹⁶. Mas, como este desejo nunca se concretiza, pois a consciência

¹⁵ Acrescido pelos autores.

¹⁶ “...Os objetos/coisas, como sendo a própria objetividade, Sartre os chamou de ser em-si, ou seja, o ser que é em-si mesmo sua existência, pois não está em ‘relação a...’ (...) O para-si é o tipo de ser que é *para si* mesmo, ou seja, é um

nunca se transforma em *em-si*, paralelamente o projeto nunca tem como se realizar de fato, nunca havendo a coincidência total e absoluta entre o desejo e o fato, o que faz com que o sujeito nunca se coisifique. Este impulso “*em direção a...*” torna o sujeito um ser que está sempre além de si mesmo, em um movimento de transcendência constante, que se faz dialético, desde sua origem (Maheirie, 2002, p. 34).

Então, o que é este projeto senão o desejo de ser alguém? O projeto é um sujeito. E junto, de modo intrincado, o seu desejo de ser alguém, se fazer aquele alguém que ele deseja ser. Um alguém, um ser no sentido de essência, e aqui se remete a um sentido antropológico.

O projeto é um projeto existencial. Projeto da existência de um sujeito. Não é algo que se espera do futuro, em termos de expectativa, muito embora o futuro faça parte deste projeto, assim como o já vivido – o passado, e os momentos presentes. É um articular, um existir, um constituir-se sob a trama destas três dimensões. É o mover-se da subjetividade em relação àquilo que ela não é, ou que ainda não é. A subjetividade enquanto ainda não sendo, enquanto ausência de realidade física, que, na dialética com a objetividade, com o existente – aquilo que já é -, poderá se constituir em realidade física, em objetividade. Subjetividade objetivada. O processo de constituir-se sujeito passando do objetivo ao objetivo pela subjetividade.

E, no que diz respeito a este processo, na medida em que se realizam ações, ou seja, na medida em que se objetiva, vai-se cada vez mais materializando este realizado. Na medida em que se dá materialidade a este projeto, se supera e se vai adiante. Deste modo Sartre (1984) fala que não existe uma coincidência total e absoluta entre o desejo e o fato, porque este mesmo movimento, ao se realizar e objetivar novas existências, impulsiona para que se vá sempre adiante.

Segundo Maheirie (2002), “fazendo-se na pluralidade do contexto, o sujeito, como singularidade humana, está tecido no mundo e caracterizado por uma situação específica. Nela ele se movimenta, se constrói e produz a história, à luz de um projeto. Impulso em direção ao ainda não existente e, simultaneamente, inserido em condições objetivas que a situação lhe impõe, o projeto é a própria práxis vivida no cotidiano” (p. 35). Esta história, este projeto é construído passo a passo no andar cotidiano dos fatos e das relações.

A autora acima citada, ao discutir estas ideias e tecendo uma compreensão a partir de Sartre, diz que:

tipo de ser que estabelece sentidos, significados para o mundo e também para si mesmo. Este tipo de ser já se faz, a princípio, negação dialética do em-si...” (Maheirie, 2002, p. 33).

O projeto define o sujeito, caracterizando a dialética do subjetivo e do objetivo. Como subjetividade objetivada (que se transforma em ato), o projeto é este movimento do sujeito (incluindo seu passado) em direção ao novo, ao inexistente, em um processo de superação que implica recusa e realização, ou seja, transformação e manutenção de uma situação. O homem se define baseado em seu passado, pois este é o que ele é e não pode deixar de ser, mas é em função de um futuro que tal definição acontece, já que é ele quem dá sentido às posições do sujeito (Maheirie, 2002, p. 36).

Transforma e mantém. Transforma porque parte de algo que se mantém, e se supera. Mantém porque, ao se transformar, carrega junto os momentos em já que existe para poder se (re)transformar. É com este olhar que se pode entender a socialização e a constituição do sujeito, que “segundo a concepção dialética, a passagem do ‘ser’ ao ‘não-ser’ não é aniquilamento, destruição ou morte pura e simples, mas movimento para outra realidade. A contradição faz com que o ser suprimido se transforme” (Aranha e Martins, 1993, p. 89).

Aqui se chega a articular diretamente com o movimento de criar e (re)criar: o fazer, a ação, a materialização que o sujeito faz da própria subjetividade, em atividades específicas, tendo resultados concretos deste processo de produção, enquanto também, ao produzir e objetivar produções concretas constrói, constitui, (re)constrói e (re)forma a si mesmo.

De acordo com Zanella (2005), “via atividade, o ser humano se apropria da cultura e concomitantemente nela se objetiva, constituindo-se assim como sujeito...” (p. 99). A mesma autora pontua que é por meio de sua atividade que o homem pode transformar o contexto social onde vive e onde se insere, movimentando-se em um processo que ao mesmo tempo constitui a história e lhe permite constituir a si e a seu psiquismo. “...A história do desenvolvimento da sociedade e de cada pessoa, portanto, está diretamente relacionada às transformações da atividade humana e dos motivos que a impulsionam” (Zanella, 2005, p. 101).

É preciso verificar, neste ponto, que este processo, esta movimentação, não se dá pela ação de um sujeito isolado. Ao contrário, é na trama das relações sociais que este processo ocorre, com os agentes de socialização, nas instituições de socialização. É a partir do contexto social interpsicológico que o espaço, ou os espaços intrapsicológicos tomarão forma e poderão desenvolver as movimentações dialéticas e dialógicas ao longo dos percursos existenciais históricos.

Zanella (2005) baseia-se no psicólogo russo Lev S. Vygotski para que se possa visualizar este processo, ou seja, o processo de constituição do sujeito. Segundo a autora, “a dimensão do outro, ou mais adequadamente falando, da relação com um outro é, por sua vez, uma constante: as explicações do autor [Vygotski]¹⁷ sobre a constituição do psiquismo humano fundam-se no pressuposto de que esta se origina no contexto das relações sociais” (p. 101). Para Vygotski, a natureza psíquica do homem vem a ser o conjunto de relações sociais transladadas ao interior e convertidas em funções da personalidade e em formas de sua estrutura (Vygotski, 1929/2000).

Isto é, compreende-se aqui o sujeito como um ser que se constitui dialética e dialogicamente, por meio das relações que vivencia no mundo, produzindo sua história ao mesmo tempo em que produz a dos outros e é por eles produzido. Constitui-se, portanto, a partir de determinações econômicas, sociais e culturais, orientado por um futuro, mediado semioticamente no contexto específico no qual se encontra.

Esta mediação semiótica se dá principalmente por meio da ação do signo linguístico, nas suas mais variadas formas, e das funções da linguagem – segundo compreendido em Vygotski (1929/2000; 1992) e Bakhtin (2006) – ao serem utilizados pelos sujeitos em relação. Junto do signo linguístico, a imagem é fundamental, pois qualquer imagem é sempre portadora de realidade, e a imagem se faz mediadora de realidade e também mediadora semiótica à consciência. Portanto, signo linguístico, imagem e informação se constituem como agentes mediadores de socialização no processo de constituição do sujeito, a partir dos quais cada pessoa vai construir seus significados e sentidos sobre si mesmo, sobre os outros, sobre as relações, sobre as coisas, as ações/atividades e sobre o mundo.

Isto configura a natureza social e cultural das funções psíquicas superiores, permitindo ao sujeito produzir significações em suas ações e vivências concretas no cotidiano, e uma dimensão simbólica da vida (Pino, 2005).

Cada pessoa, para Vygotski (2000, p. 33), é ‘um agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo’, donde se depreende que só há sujeito porque constituído em contextos sociais, os quais, por sua vez, resultam da ação concreta de seres humanos que coletivamente organizam o seu próprio viver (Zanella, 2005, p. 102).

¹⁷ Acrescido pelos autores.

Dá se compreende que o singular (o sujeito singular) sustenta e embasa o coletivo (o contexto coletivo), e todo o coletivo está presente no singular (no sujeito singular). Segundo Maheirie (2002), "... o sujeito, ou a identidade, são construídos por oposições, conflitos e negociações, sendo constantemente inventada por estes sujeitos, em um processo aberto, nunca acabado" (p. 39), na infinidade dos contextos micro e macrosociais.

Referências

- Aranha, M. L. de A.; Martins, M. H. P. **Filosofando**. Introdução à Filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- Bakhtin, M. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- Bakhtin, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Bock, Ana M. B.; Gonçalves, Maria Graça M.; Furtado, Odair. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.
- Durkheim, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- Furtado, Janaína R. Grafiteiros na rota das cidades in-visíveis: cidades, encontros e narrativas no tempo do pesquisar. In: Zanella, Andréa V., Maheirie, Kátia. (Orgs.). **Diálogos em psicologia social e arte**. Curitiba: Editora CRV. p. 171-183, 2010.
- Gardner, Howard; Davis, Katie. **La generación APP**. Cómo los jóvenes gestionan su identidad, su privacidad y su imaginación en el mundo digital. Buenos Aires: Paidós, 2014. Disponível em: http://static0.planetadelibros.com/libros_contenido_extra/28/27919_La%20generacion%20app.pdf . Acesso: 05.03.16.
- Giddens, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.
- Keske, Humberto Ivan. **Dos sujeitos enunciadore e seus contextos dialógicos: Bakhtin e seu outro**. Trabalho apresentado no IV Encontro de Pesquisa da Intercom – XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre, 2004. Disponível: <http://portal.eusoufamecos.net/dos-sujeitos-enunciadores-e-seus-contextos-dialogicos-bakhtin-e-seu-outro/>. Acesso: 03.02.16.
- Maheirie, K. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 147-153, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a15>. Acesso: 10.03.16.

Maheirie, Kátia (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, São Paulo, v. VII, n.13, p. 31-44, jan./jun. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf> . Acesso em: 10.03.16.

Marx, Karl; Engels, Friedrich. **A ideologia alemã**. Teses sobre Feuerbach. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2006. (Publicado originalmente em 1846).

Meneghetti, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

Meneghetti, Antonio. **Os jovens e a ética ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

Pino, A. **As marcas do humano**. Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vygotski. São Paulo: Cortez, 2005.

Sacristán, J. Gimeno; Gómez, A. I. Pérez. (1998). **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed.

Sartre, J-P. **Questão de método**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

Setton, Maria da Graça Jacintho (2011). Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 711-724, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n4/a03v37n4.pdf> . Acesso: 12.04.16.

Sobral, Adail. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: Brait, Beth. (Org.). **Bakhtin**. Conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto. p. 123-150, 2005.

Vygotski, Lev S. Pensamiento y palabra. In: Vygotski, Lev. **Obras Escogidas II**. Madrid: Visor Distribuciones, 1992.

Vygotski, Lev S. (2000). Manuscrito de 1929. **Revista Educação & Sociedade**. Trad. brasileira do russo. Campinas: Cedes, 71, p. 21-45. (Originalmente publicado em 1929).

Vygotski, Lev S. **La imaginación y el arte en la infancia**. 6. ed. Madrid: Ediciones Akal, 2003. (Originalmente publicado em 1930).

Vygotski, Lev Semionovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. p. 103-117. In: Vygotski, Lev S.; Luria, Alexander Romanovich; Leontiev, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1988.

Zanella, A. V. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia & Sociedade**, 17, 99-104, 2005.

Zanella, Andréa V. “A Ideologia Alemã”. Resgatando os pressupostos epistemológicos da abordagem Histórico-Cultural. **Revista Psico**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 187-194. 1995.

Submetido em: 01-08-2016.

Publicado em: 31-08-2016.